

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
TÓPICOS DE ANTROPOLOGIA: MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA
PROFE. DRE. SILVANA DE SOUZA NASCIMENTO

Ana Paula dos Santos Marinho (n°USP: 9082687)

COLONIALISMO NO SÉCULO XXI - FEMINISTAS E ISLÃ

SÃO PAULO
2024

É muito interessante que ao falarmos de Nobel da Paz e sobre feminismo, a maior figura que vem no imaginário das pessoas é a paquistanesa Malala Yousafzai que atualmente está com 26 anos. É a contramão total do senso comum no qual a vinculação constante do terror ao oriente médio. Ela foi conhecida ainda mais jovem, como uma revolucionária que clamava por educação e liberdade para as mulheres árabes e ficou amplamente conhecida no (nosso) mundo ocidental.

Seu caso repercutiu justamente porque na época ela era uma criança de 15 anos, que sofreu com a tomada de poder do Talibã e que foi atingida com uma bala na cabeça, razão a qual sua motivação foi porque era uma das únicas meninas (da época) que se recusou em sair da escola – antes da ascensão do Talibã ao poder, as meninas não eram proibidas de frequentar a escola, mas a situação mudou após o seu controle, levando Malala a enfrentar perseguição por sua defesa da educação feminina. Grande foi a influência de seu pai para que ela permanecesse na escola, já que era dono dela e sabia muito bem a importância da educação e do ensino para as futuras gerações. Talvez por isso a fala de Malala tinha tanta propriedade e embasamento, mesmo sendo tão jovem.

Mas esse caso não é isolado, outra cientista teve notoriedade internacional, ganhando também o Nobel da Paz e tendo o islã como religião, foi a iraniana Shirin Ebadi, de 76 anos, que além de feminista é ex-juíza e uma grande ativista dos direitos humanos. O motivo do seu prêmio foi justamente porque ela queria dar voz a uma parcela da população tão expressiva e mesmo assim tão silenciadas, as mulheres iranianas. Muitos foram os que gritavam contra a sua nomeação, como o editor do jornal conservador “Resalat”, Amir Mohebian que afirmou que sua nomeação foi resultado de uma estratégia política pura e simples¹. Porém, ela mostrou o seu trabalho na defesa da autonomia feminina e disse conforme o programa Milênio da Globo News, de 2010: “A democracia chegará ao Irã pela mão das mulheres”².

¹ Shirin Ebadi, laureada com o Nobel da Paz em 2003, é notável por ser a primeira muçulmana a receber esse prestigioso prêmio. Vale destacar que, na ocasião, o papa era considerado um dos favoritos, mas a advogada iraniana foi a escolhida, destacando seu papel significativo como ativista dos direitos humanos. (Fonte: Folha de S.Paulo)

² A citação "A democracia chegará ao Irã pela mão das mulheres" foi proferida por Shirin Ebadi durante uma entrevista à Milênio da Globo News em dezembro de 2010. A entrevista completa pode ser acessada em ConJur.

É possível verificar com a exemplificação das duas ativistas e estudiosas, que tem seu trabalho voltado a falar sobre a liberdade e autonomia feminina que o islã pode sim ser uma escolha e não simplesmente uma imposição assim como os jornais e o noticiário o abordam. Mesmo ambas as mulheres consideradas livres da “imposição islâmica”, já que elas vivem na Europa nos dias de hoje, escolheram por continuar seguindo o islã e assim mostram a autonomia que muitas mulheres muçulmanas têm em relação a sua escolha de religião.

No entanto, é crucial evitar a homogeneização do movimento feminista islâmico, pois sua diversidade é notável. Muitas mulheres, inspiradas ou não por figuras como Malala, escolhem usar o véu, enquanto outras, como Shirin, que não o utiliza, fazem diferentes escolhas em relação a esse símbolo religioso. A utilização do véu, assim como a prática da fé islâmica, é complexa e multifacetada, distante da representação simplificada frequentemente apresentada pelos meios de comunicação.

É interessante observar que, ao longo da história, o véu foi frequentemente interpretado como uma ferramenta de imposição do Islã sobre as mulheres, conforme descrito em várias fontes e amplamente difundido pelo senso comum. No entanto, nos dias atuais, muitas mulheres adotam o véu como uma forma consciente de desafiar essas noções preconcebidas. Utilizando o véu fora de seus países de origem, elas expressam um poderoso protesto e reafirmam sua identidade como mulheres muçulmanas por uma escolha pessoal. Essa decisão desafia estereótipos e destaca a riqueza de perspectivas dentro do movimento islâmico e feminista.

Portanto, a análise cuidadosa desse fenômeno revela uma dinâmica complexa, na qual as mulheres muçulmanas não apenas resistem a interpretações simplistas, mas também afirmam ativamente sua autonomia e liberdade de escolha. Essa narrativa mais abrangente desafia noções anteriormente concebidas e destaca a necessidade de uma compreensão mais profunda do papel do véu no contexto do Islã e do feminismo.

Conforme mencionado no texto Lila Abu-Lughod Universidade de Columbia, a burca é um adereço tão importante para toda uma sociedade muçulmana que pode até funcionar como um mecanismo adicional para a segregação econômica, uma vez que mulheres que estão empregadas podem enfrentar obstáculos ao optar por também usar o véu. Assim, o

hijab pode se transformar em um objeto de desejo para diversas mulheres, motivadas por uma infinita variedade de razões.

“Aqueles que usam o novo vestido islâmico são caracteristicamente estudantes objetivando carreiras profissionais, especialmente na medicina, tal como suas contrapartes do Egito à Malásia. Alguém vestindo o lenço longo era uma diretora de escola, a outra uma pobre vendedora de rua. Este é o comentário de uma jovem vendedora de rua: “Se eu usasse (a burca), os refugiados me perseguiriam porque a burca é para as ‘boas mulheres’ que ficam dentro de suas casas”.³

Observamos que o véu deixou de ser meramente um instrumento de imposição religiosa. Mulheres islâmicas frequentemente escolhem usá-lo como uma expressão livre de sua fé ou orgulho em relação às suas origens. Isso, de certa forma, contrasta com as tendências no mundo ocidental.

No entanto, o governo francês, possivelmente como uma medida para conter a imigração do Oriente Médio e restringir a liberdade religiosa dos muçulmanos, iniciou procedimentos legislativos em 2023 para proibir a vestimenta árabe nas escolas públicas. Assim como notícia publicada pelo jornal O Globo⁴, “França irá proibir em escolas uso de túnica que deixa apenas o rosto à mostra”. Essa ação novamente restringe a liberdade de crianças, adolescentes e mulheres de expressar sua identidade desejada e de usufruir de locais democráticos, inclusive negando o direito à educação. Isso resulta em limitações para as mulheres muçulmanas em sua participação nos espaços comuns da sociedade.

Entretanto, essa imposição revela uma contradição. Ao afirmar o caráter laico do Estado e defender o direito de todos seguirem sua religião sem pressões, a proibição acaba por perseguir especificamente as mulheres árabes, devido à restrição exclusiva das vestimentas previstas no Islã. Ao alegar libertar as mulheres árabes do fundamentalismo islâmico, o qual é uma das motivações das guerras entre países do norte e do Oriente Médio,

³ ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. Estudos Feministas. Vol. 20, n.2. 2012

⁴ Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/08/28/franca-ira-proibir-em-escolas-uso-de-tunica-que-deixa-apenas-o-rostoa-mostra.ghtml>>.

conforme diversos veículos da mídia. Essa ação novamente projeta uma imagem de colonização sobre uma cultura que opta por preservar suas raízes e recusar assimilação e absorção de ideias externas.

É amplamente perceptível que a suposta oposição ao véu, ao fundamentalismo, à anti-democracia e às ideias de uma religião que está experimentando o maior aumento global da história em número de adeptos não se trata apenas de uma retaliação superficial, mas, na verdade, encobre as reais motivações por trás das ações dos governos ocidentais. O cerne dessas ações é, de fato, a busca pelo controle abrangente sobre territórios, populações, mentalidades e liberdades individuais.

Pela primeira vez na história é possível testemunhar e televisionar um conflito religioso contemporâneo que, diferentemente dos enfrentamentos passados, agora é direcionado especificamente contra uma fé em ascensão. Essa luta transcende a mera imposição religiosa, configurando-se, predominantemente, como uma tentativa de efetuar um apagamento histórico em um contexto que resistiu firmemente à assimilação de uma narrativa que não é inerente a ele. Os países majoritariamente islâmicos enfrentam obstáculos consideráveis ao resistirem às influências coloniais e ao batalharem pela preservação de suas terras, recursos e sua cultura essencial.

Os governos de controle global veem com a difusão do mundo islâmico uma batalha iniciada a muitos anos tendo uma reviravolta, no qual o oprimido agora está em maior número e aumentando de popularidade. Agora, será possível ver e noticiar, que todos os esforços para a sua diminuição sejam realmente para interesses individuais, sem a omissão dos reais interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ FOLHA DE S.PAULO. Advogada iraniana ganha o Nobel da Paz. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1110200301.htm>. Acesso em: [01/01/2024].

² CONJUR. Entrevista com Shirin Ebadi: advogada iraniana e Nobel da Paz 2003. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2011-jan-07/entrevista-shirin-ebadi-advogada-iraniana-nobel-paz-2003/>. Acesso em: [01/01/2024].

³ ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. Estudos Feministas. Vol. 20, n.2. 2012

⁴ GLOBO, O. França irá proibir em escolas uso de túnicas que deixam apenas o rosto à mostra. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/08/28/franca-ira-proibir-em-escolas-uso-de-tunica-que-deixa-apenas-o-rostro-a-mostra.ghtml>. Acesso em: [01/01/2024].